

IGREJA
LUSITANA
CATÓLICA
APOSTÓLICA
EVANGÉLICA

O novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

MARÇO 2016

€1.25

Nº 170



**DEUS É AMOR: AQUELE QUE VIVE NO
AMOR VIVE EM DEUS, E DEUS NELE**

I JOÃO 4,16

**ALELUIA!
CRISTO RESSUSCITOU!**

Destques nesta edição



Pág. 4, 6, 10 e 12

Testemunhos de Fé Pascal



Pág. 14 e 15

Reunião dos Primazes Anglicanos



Pág. 16

Reconhecimento da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana



Pág. 18 e 19

Como paramos o terrorismo?

Assine já! O Novo Despertar digital

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

faça um gosto: www.facebook.com/igreja-lusitana



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Joana Soares, Carlos Leal, Corina Eira, Ilma Rios, Diamantino Lemos, Jorge Barros, Fernando da Luz Soares, Elisabeth Sena, João Hipólito **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral. Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



“Quero que sejas a luz das nações”

Isaías 49,6

D. Jorge Pina Cabral

Do bater de asas da borboleta à Cruz de Cristo

«Algo tão pequeno como o bater de asas de uma borboleta pode causar um tufão do outro lado do mundo». Esta conhecida afirmação que se insere na Teoria do Caos ajuda-nos a perceber que todos os acontecimentos por mais pequenos que sejam são importantes e produzem sempre consequências de diferentes níveis.

Na aldeia global em que vivemos e na qual a informação se processa rapidamente e o conhecimento se aprofunda a diversos níveis, torna-se mais fácil de perceber a interdependência existente entre os diferentes povos e sociedades e as ligações e efeitos múltiplos entre as áreas constitutivas do nosso viver como sejam a economia, a tecnologia, a política, a cultura, o meio ambiente, a religião e a área social. Tudo se interliga e influencia numa dinâmica criativa e crescente que necessita de ser orientada para bem de todos, por assumidos valores éticos comuns.

Exemplo desta realidade, temo-lo na área do ambiente. O que até há uns anos atrás era relegado para segundo plano na prioridade da agenda das políticas internacionais, aparece hoje, e na sequência da cimeira do Clima de Paris, como uma prioridade dos Estados na defesa e salvaguarda da terra e da humanidade. Uma maior consciência e compromisso ecológico requer agora uma visão multidisciplinar capaz de questionar áreas tão diferentes como sejam os modelos de desenvolvimento económico seguidos, os hábitos e estilos de vida existentes, as formas e meios de transportes utilizados e ainda as Teologias da Criação apresentadas não só pelas Igrejas cristãs como pelas outras religiões.

Hoje percebe-se bem que «o grito da terra» é o «grito dos pobres», quando por exemplo, a mudança nas temperaturas das águas do Oceano Pacífico, ameaça provocar ainda mais fome no Sul da África, já por si assolado por graves secas. O cuidado com a Criação é inseparável da responsabilidade para com os pobres. A este propósito Rowan Williams afirma: «não se trata de uma alternativa trabalhar com os pobres. Tudo o que dizemos da nossa chamada a sermos ecologicamente amigos é parte de um chamamento pela justiça, e de estar lá para os pobres da terra». «Eco justiça» é um conceito novo que requer novas posturas, e que nos desafia perante a progressiva destruição dos recursos da Terra e os abusos do poder político e económico que infligem principalmente aos pobres, as piores consequências provocadas pelas alterações climáticas.

Nas leituras propostas pela Igreja para a Semana Santa, interpelaram-me no livro do profeta Isaías, os três poemas dedicados ao Servo Sofredor, que o Novo Testamento assume, como sendo um retrato antecipado de Jesus. Nestes poemas, o servo que «não grita e não levanta a voz», que se esconde «na concha da mão de Deus» e que «apresenta as costas aos que lhe batiam» e o «rosto aos que o ultrajavam» é o mesmo servo que há-de ser capaz de promover «o direito entre as nações» e de «ser luz das nações, para que a sua salvação chegue aos confins da terra».

O sentido da universalidade da salvação que Isaías apresenta e que foi fazendo caminho ao longo da Antiga Aliança, ganha a sua plenitude na pessoa de Jesus Cristo e nos seus braços abertos na Cruz para abraçar por amor toda a humanidade. Só o Amor que triunfa perante as forças da morte, é agora capaz de tudo religar e a tudo dar sentido. Em Cristo ressuscitado Deus «reconcilia consigo todas as coisas (...), tanto as que estão na terra como as que estão no céu» (Cl 1,19-20). Do particular de Israel para a universalidade do Reino de Deus, do mundo fragmentado e dividido pelo pecado para a plenitude de uma Criação redimida e assumida em Jesus Cristo. Cristo ressuscitado ajuda-nos pois a ver o mundo como uma nova casa e a humanidade como uma só família. O vínculo do Amor que Ele na Sua Páscoa definitivamente estabelece é o único vínculo capaz de nos ajudar a compreender e a viver o mundo atual na sua complexidade e diversidade.

Celebremos pois a nova Criação que o tempo de Páscoa nos apresenta num compromisso renovado com a vida e os homens e mulheres do nosso tempo.

Saibamos “bater as asas da borboleta” de amor e de paz que há em cada um de nós.

Aleluia! Cristo Ressuscitou!

Ele é verdadeiramente a luz das nações.

+ Jorge



Joana Soares *

Do Luto à Ressurreição: uma experiência na primeira pessoa

Ao longo da vida, todo o ser humano se vê confrontado com a necessidade de lidar com a perda de alguém significativo. Este é um acontecimento inevitável no ciclo de vida e, em determinada altura, o indivíduo vê-se em situação e com a necessidade de ter estratégias para fazer face à especificidade características de determinados eventos stressantes. Deste modo, quando uma pessoa perde alguém significativo, existe normalmente um período de elevado stress, frequentemente associado a sentimentos de culpa, arrependimento, solidão, e outras reacções físicas e psicológicas, características de uma fase pautada pelo sofrimento da perda (Stroebe, Shut & Stroebe, 2000).

No entanto, este período, no qual o indivíduo procura adaptar-se à perda, atinge por vezes um nível de complexidade caracterizada por consequências pouco comuns no ciclo de vida e que podem ser associadas a inúmeras problemáticas de saúde física e mental que se encontram relacionadas com o processo de luto. Ao conjunto de todas estas complicações designamos de Luto Complicado (Golden & Dalgleish, 2008; Lichenthal, Cruess, Prigerson, 2004 & Silva, 2010). Podemos desta forma concordar que a perda de alguém significativo constitui uma das experiências universais mais dolorosas e de difícil adaptação de entre as crises experienciadas ao longo do ciclo de vida (Wagner, 2006).

Enquanto Psicóloga e na minha experiência diária de “prestadora de cuidados a nível emocional/comportamental” o principal desafio é a assunção da minha vulnerabilidade enquanto pessoa humana não imune às perdas dos outros que são transversais às minhas, já vividas, e/ou fantasiadas como futuras. Neste sentido torna-se evidente que quando um evento nesta natureza acontece as nossas crenças são desafiadas e temos que lidar não só com o sofrimento resultante

da morte, mas também com a reavaliação dos princípios sobre o modo como o mundo era assumido que funcionava, pois a morte desfia e abala as assunções fundamentais do indivíduo.

É nesta altura que a fé em Cristo ressuscitado toma uma dimensão gigante e que me inunda de esperança e que me torna facilitadora de mensagens de coragem ajudando o outro a interpretar o sofrimento como um catalisador fundamental para o crescimento.

Sempre defendi a importância da continuação dos laços com a pessoa perdida através do desenvolvimento de um novo tipo de relação com esta, não percecionando assim o luto como unicamente um “processo de doença” ou um “evento tóxico”, ou mesmo “um acontecimento último” na vida das pessoas. Acredito antes, que tendo como referência a ressurreição de Jesus, depois do extremo sofrimento por que passou, a pessoa poderá, não só sobreviver, mas acima de tudo adquirir estratégias para suplantar as suas dificuldades em várias dimensões da sua vida, podendo desenvolver uma melhoria qualitativa do seu funcionamento.

Onde é que Deus se revela todos os dias em mim mesma e me transforma? Na forma como sinto um interesse genuíno pela escuta empática da experiência de luto do Outro, através da validação dos seus sentimentos dolorosos e confusos e pela transmissão de coragem e esperança na renovação do olhar sobre a vivência da morte como uma etapa que termina, mas que é seguida de uma outra que se inicia naturalmente e que transforma e nos transforma tornado-nos mais poderosos e mais preparados para enfrentar as nossas fragilidades.

*membro da paróquia lusitana de S. João Evangelista

Catedral Lusitana renovada inserida nas rotas do diálogo

A catedral de S. Paulo será um dos locais de culto da cidade de Lisboa a ser visitado no âmbito do programa «Rotas do Diálogo» que a Misericórdia de Lisboa vai promover.

Com esta iniciativa, inserida no Jubileu da Misericórdia promovido pelo Papa Francisco, pretende-se dar a conhecer a realidade das várias confissões religiosas existentes em Lisboa, a sua história e características principais, visitando os respetivos locais de culto, e percebendo também como cada uma pratica a misericórdia.

As visitas, uma por cada confissão religiosa, realizar-se-ão de quinze em quinze dias, a partir de 24 de Abril próximo. A visita à catedral lusitana está agendada para o Sábado dia 21 de Maio às 10h30. A inscrição prévia deverá ser feita na direção de cultura da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa.

O edifício e complexo onde atualmente está a catedral da Igreja Lusitana e a Igreja paroquial de S. Paulo foi construído pelos frades Carmelitas descalços, entre os anos de 1606 e 1611.

Os frades foram enviados por St^a Teresa de Ávila. Dada a sua riqueza histórica e religiosa, e sendo a catedral Anglicana em Lisboa, a Igreja Lusitana tem feito um esforço no sentido de reabilitar o vasto património existente e colocá-lo para usufruto da comunidade.

Sinal deste esforço é o trabalho que está a ser desenvolvido de recuperação dos claustros e jardim da catedral. Pela primeira vez desde há décadas, os claustros serão totalmente abertos permitindo a circulação a toda a sua volta. Por excelência, este espaço central do convento, permitirá à sua volta um caminhar de oração e de reflexão recuperando deste modo a sua vocação e sentido espiritual original.

Os quatro canteiros existentes no jardim do claustro serão plantados de acordo com a tradição conventual e monástica: haverá lugar para o Cipreste (personificação do desejo unificado e sempre progressivo para Deus), para os Citrinos com as suas folhas perenes e medicinais e para as plantas e ervas medicinais.

História e atualidade, património e espiritualidade, combinam-se num espaço único que é património mas que pretende ser cada vez mais fonte de vida e de renovação espiritual numa cidade como Lisboa carente de testemunho e de evangelização.



Testemunhos



Carlos Leal *

Lembro-me da Inês...era uma mulher sem-abrigo, doente de todas as doenças próprias da prostituição... amiga da rua como agora se diz... Estava a chover bastante e ela estava toda molhada... chegando-se a mim disse:

-Dá-me o teu guarda-chuva!

Eu hesitei, mas qualquer coisa cá dentro me disse: Dá! Dei-lhe o guarda-chuva. Os olhos da Inês brilharam porque já tinha com que se abrigar da chuva forte da noite.

Na quarta-feira seguinte chovia de novo, mas o apoio aos amigos da rua tinha de se fazer. Numa das ruas a Inês veio buscar a sopa da carrinha. Depois veio ter comigo e deu-me um beijo na cara.

- Estás a ver? Ainda tenho o teu guarda-chuva...(os olhos da Inês brilhavam).

...A Inês já faleceu e por vezes dou por mim a pensar que ela deve estar num céu bonito onde o sol de Cristo lhe preenche a falta do carinho que nunca teve em vida e...e que em vez dum guarda-chuva tem um guarda-sol com as cores do arco-íris.

Atualmente não trabalho diretamente com os sem-abrigo, dado que a saúde já não mo permite. Trabalho agora com pessoas sós e idosas, fazendo visitas domiciliárias às mesmas através da Cruz Vermelha, da qual sou voluntário desde 11/11/11.

Como somos, bem vistas as coisas, instrumentos privilegiados da Divina Vontade, vale a pena dar um pouco de nós e do nosso tempo, em serviço dos outros, lembrando sempre o que Cristo deu a entender quando afirmou que aquilo que fazemos ao nosso próximo a ELE mesmo o fazemos...e não esperando recompensa por tal. E assim me vou realizando como cristão e como ser humano.



Corina Eira *

Porto nosso... de cada noite

Preparamo-nos para mais um encontro com os “amigos da rua”. Está noite, está frio, chove e o vento não abranda. O corpo pede-nos “lar” mas o coração diz-nos “rua”.

Lá, não há estações do ano, domingos ou feriados, Natal ou Páscoa. Só corpos que a vida assinou fundo mas não apagou a esperança...

-Boa noite, amigo, então como vai? Tome, a sopa está quentinha; quer o café antes ou depois?

-(risos envergonhados, pontes seguras, mãos que se tocam, dar pouco e receber muito)

-Olhe, é p'ra bocê! Pegue lá!

-Para mim? Mas...é uma manta...

-Quer ou não quer? É p'ra bocê!

Em silêncio, estendo as mãos, agradeço a Deus as ruas sem luz, subitamente iluminadas por gotas de água cristalina.

-Senhor, és Tu aqui e agora! És Tu que vences a morte e renasces connosco. Anda, temos de continuar...

Obrigada pela partilha.

**membros da paróquia lusitana de S. João Evangelista*



Paróquia do Redentor dá e recebe

Durante vários meses a Paróquia do Redentor deu hospitalidade e recebeu a presença e simpatia de Cláudio Nhampossa da Diocese Anglicana dos Libombos em Moçambique. Desta relação fica aqui o testemunho de gratidão de Cláudio à Igreja Lusitana proferido no culto de 21 de fevereiro passado :

“Olá Paz!

Deus tem muita gente nesse lugar!

Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor, vos saúdo e endereço votos de boa saúde, fraternidade e paz eterna.

Apraz-me neste momento referir, que durante a minha estadia no Porto, por sensivelmente seis meses, senti-me guiado pelo Espírito Santo até uma congregação religiosa de modo a dar seguimento às tarefas que nosso Senhor Jesus Cristo me incumbiu.

Nesta congregação da Igreja Lusitana, paróquia do Redentor no Porto, interiorizei vários ensinamentos que irei partilhar com os irmãos em Moçambique, precisamente os da diocese dos Libombos, minha diocese.

(...) Senti-me verdadeiramente crente nesta congregação religiosa, pois através da minha estadia nesta parcela do mundo pude interiorizar muitos actos positivos, os quais bem aplicados poderão levar a um rumo mais promissor da minha diocese.

Particpei em vários eventos tais como o encontro ecuménico – «Ética e economia, uma contribuição das Igrejas em Portugal»; o XVII Fórum Ecuménico Jovem em Castelo Branco; e os encontros do Peregrino, entre outros. Pude aprender bastante e levarei os ensinamentos junto da minha diocese e congregação (...).

Regresso agora à Diocese dos Libombos, a minha diocese, concretamente na zona pastoral de Chambone no Distrito eclesiástico de Inhambane. O nome desta Diocese, desta congregação e dos seus respectivos crentes, vai eternizado em meu humilde coração. Peço ao Espírito Santo que nos voltemos a encontrar nesta vida terrena ou precisamente na cidade celestial, a morada de todos os fiéis do Espírito.”

Jejum de Carbono mobilizou milhares

O Jejum de Carbono na quaresma desenvolvido pela Rede Anglicana do Meio Ambiente gerou muito interesse em todo o mundo e em muitas Igrejas e Províncias Anglicanas. A proposta convidou os participantes a tomarem 40 ações concretas de defesa da Criação, uma para cada dia da quaresma.

Através de cada ação os participantes reduziram a sua pegada ecológica, poupando energia e água, promovendo uma alimentação saudável e sem desperdícios, reciclando o lixo, plantando árvores e cultivando ervas, vegetais e plantas em casa. Cada sugestão de ação foi devidamente enquadrada com um texto bíblico, uma meditação e uma oração, o que permitiu desenvolver uma espiritualidade e uma teologia sobre a Criação de Deus.

A Igreja Lusitana associou-se ao Jejum de Carbono editando um folheto próprio em português com as 40 ações atrás referidas que foi largamente distribuído não apenas ao nível da Diocese e paróquias como da comunidade envolvente. A novidade da proposta e a relação da fé cristã com o meio ambiente foram muito bem acolhidas em particular pelos jovens.

As redes sociais nomeadamente o site, as newsletters e o facebook da Igreja Lusitana provaram ser um efetivo meio de comunicação desta campanha. As propostas diárias de oração e de ação foram seguidas por uma média de 1.000 pessoas quer da Igreja quer fora da Igreja.

Procurando enquadrar bíblica e teologicamente a temática desta vivência quaresmal, o bispo diocesano promoveu dois encontros, um em cada Arciprestado da Igreja, que permitiram um aprofundamento da fé no Deus criador e sustentador da Criação e a reflexão sobre a nossa responsabilidade na salvaguarda de tudo o que Deus por Amor nos confiou. Os encontros tiveram lugar respectivamente a 27 de fevereiro em Lisboa e a 12 de março em Vila Nova de Gaia.

A título ilustrativo e como corolário do compromisso ambiental vivido ao longo da quaresma, a comunidade da paróquia lusitana de S. João Evangelista em Vila Nova de Gaia, plantou no domingo de Páscoa, uma oliveira no jardim da Igreja, expressando assim o seu compromisso futuro na salvaguarda da natureza e do meio ambiente. Também, os utentes do Centro Social do Salvador do Mundo (Vila Nova de Gaia), semearam bonitos vasos com Jacintos que foram desabrochando no decorrer da quaresma acompanhando e inspirando a reflexão bíblica que ali foi feita sobre a Criação de Deus.

Grupos Peregrino... de vento em popa!

Em apenas quatro meses formaram-se uma dezena de grupos Peregrino. Funcionam em diversas paróquias do Norte e do Sul da diocese lusitana e também em espaços informais não adstritos a qualquer paróquia e envolvem já mais de 70 participantes, incluindo quer membros da Igreja, quer outras pessoas que aceitaram o convite para fazer esta caminhada de descoberta da fé em Cristo.

Após o lançamento do projecto, em 2015, com diversas acções de sensibilização e formação junto dos arcebispos e de algumas paróquias que o solicitaram, os primeiros grupos constituíram-se no final do ano, replicando-se depois em outras paróquias, espaços e horários.

Estão já editados, além do Guia do Líder, os dois primeiros livros da primeira série (Fase Seguir), encontrando-se o terceiro em fase de publicação. Estão também a ser traduzidos os vídeos que acompanham cada sessão do curso. Também a página do Facebook 'Peregrino - Um curso para a caminhada cristã' tem sido bastante participada, com fotos e testemunhos dos diversos grupos.



<https://www.facebook.com/groups/1666473740287699>

Caminhar do Peregrino: testemunhos

Cinco mulheres falam do Peregrino. Partilharam a sua experiência com a comunidade no culto dominical. E é assim que deve ser: os grupos são livres na sua orgânica e funcionamento, mas têm raízes numa paróquia e braços como fios de água que a envolvem e regeneram pelo testemunho da caminhada, convidando outros à jornada. Desta vez falam a Helena, a Laura, a Marta, a Mafalda e a Matilde, mas nos próximos números do ND queremos dar voz a outros grupos e experiências. Ficamos à espera.

Aqui estamos nós: somos 5 mulheres, todas ligadas já à Paróquia, mas com experiências e percursos de vida diferentes, tanto na vida pessoal como na nossa vida em Igreja. As idades, as raízes (até a nacionalidade!), a experiência, a vivência da fé, os caminhos já percorridos são diferentes. Cada uma tem trazido para o grupo a sua particular forma de viver e sentir a fé, o seu especial modo de olhar o mundo, as suas diferentes experiências de vida. Em comum temos todas a vontade de saber mais, aprofundar os conhecimentos sobre os aspetos essenciais da nossa fé, aprofundar o nosso compromisso esclarecido e através dele podermos dar outros passos e convidar outras pessoas.

.....

Foi com imensa alegria que aceitei participar no curso para a caminhada cristã, para aprender mais de Cristo e alimentar cada vez mais a minha fé. Para mim nunca é demais ouvir e falar de Deus.

Depois dos anos da Escola Dominical, mantive a presença no culto aos domingos para louvar a Deus em comunidade e mantive sempre o hábito das leituras diárias. Sempre achei importante, não só alimentar o nosso corpo com os alimentos que restauram as nossas forças do dia-a-dia mas também alimentar a nossa fé através da palavra de Deus. Muitas vezes questionamos acerca de certas palavras ou desviamos os nossos pensamentos para problemas pessoais. Mas eu sinto que quanto mais oramos ou quanto mais lemos a palavra de Deus mais ela fica gravada nos nossos corações e esclarece as nossas mentes, para podermos levar a mensagem aos outros. E foi isso que Jesus nos pediu: “Ide e levai a todo o mundo a minha mensagem”.

.....

Como diz a Sagrada Escritura “a seara é grande e os trabalhadores são poucos”. Hoje aqui, e perante a comunidade, queria dizer “Eis-me aqui, Senhor, na continuação desta caminhada que é o Curso do Peregrino.

.....

Por ter sido a altura do Advento, aceitei e encarei este desafio como forma mais intensa da vivência e da preparação para a celebração do Natal.

Tivemos possibilidade de partilhar os nossos sentimentos, pontos de vista sobre o que é para nós a fé cristã, a Santíssima Trindade, ou qual é o significado de Deus nas nossas vidas.

.....

Embora a minha ligação com esta comunidade seja relativamente nova, desde o início senti e continuo a sentir grande aceitação e integração por parte de todos. Espero continuar no caminho iniciado com a primeira parte do Peregrino, aprofundando cada vez mais a minha vivência cristã.

.....

Quando me foi lançado o desafio de percorrer este caminho não compreendi bem o que significava, mas aceitei, não só porque fiquei extremamente curiosa, como tenho consciência que muitas vezes não sou tão ativa na minha comunidade como queria/devia. Ainda bem que aceitei!

.....

Ao longo desta primeira etapa “Converter-se a Cristo” todas as sessões proporcionaram diferentes partilhas de opiniões, histórias, experiências em que o Senhor nos guiou (muitas vezes sem compreendermos). Tudo isto fez com que a nossa vivência na fé se tornasse mais rica e nos ajudasse no caminho que diariamente percorremos com Deus e uns com os outros.

Nestas sessões pude explorar e aprofundar a minha fé, aprender com o restante grupo e, acima de tudo, renovar o meu compromisso com Deus.

.....

Para mim, todas as peregrinações, jornadas, ou encontros que me propiciem um maior conhecimento, um contacto mais próximo com o Senhor Jesus, são sempre um desafio a que não posso, nem quero resistir.

Juntas fizemos caminho, oramos, refletimos e partilhámos ideias e experiências, falamos de fé mas sobretudo de amor. E estes encontros tornaram-se momentos enriquecedores, calorosos, íntimos e quando acabavam parecia que só tinham durado um momento e eu sentia-me alegre, tranquila e ... “cheia”, como quando temos uma experiência que nos deixa verdadeiramente felizes!

.....

Estou ansiosa por mais destas sessões, de alegria, de camaradagem e de amizade, e pois não somos só as cinco, somos seis – Jesus está lá connosco!



Reverenda Ilma Rios

Abriu-se uma janela, e o que até ao momento era dor e lágrimas dissipou-se perante aquilo que visualizavam os meus olhos : uma pequena, mas muito rica frase que dizia: “o céu está em festa, vai com Deus tia”. Foi como uma luz que brilhou diante de uma estrada escura, mas que não era o fim do caminho. A expressão “o céu está em festa”, rasgou o véu da dor e projectou a minha mente para outra faceta da morte que num primeiro momento é difícil de ser percebida.

Naquele momento a minha mente recuou ao ano de 1994, quando a 11 de Junho aprove a Deus tomar para si o meu primogénito (em memória) Raphael Rios e com o coração dilacerado, a pessoa responsável pelo transporte escolar do meu filho, entregou-me uma carta, e dentre as muitas palavras de encorajamento dizia: “hoje, 11 de Junho, foi o dia em que Jesus recebeu o Raphael em seus braços”. Nunca tinha pensado a morte daquela maneira, a nossa mente humana é muito limitada para que a possamos compreender, não fosse a acção do espírito de Deus que nos guia e orienta e nos envolve com a sua graça, tornando-se para nós verdadeiro consolador.

Nestes dias, desta primeira semana de Fevereiro de 2016, por duas vezes fomos golpeados pela morte, primeiro a minha filha sofre um aborto espontâneo, pondo fim à alegria da chegada do seu bebé. Três dias depois, ainda processando a dor da perda, fui surpreendida com a triste notícia do falecimento repentino de minha mãe.

Porque Tu estás comigo, não temerei

Ao longo destes dois anos tenho lidado com muitas situações de morte enquanto cuidadora. Tenho tido o privilégio de acompanhar idosos, alguns dos quais vi-os partir segurando a minha mão e deixando o seu último suspiro após terem ouvido do amor de Deus por eles e da promessa da vida eterna, oferecida àqueles que crêem.

Confesso que é algo com o qual não sabia, que sabia lidar, mas quando me coloquei nas mãos do Senhor para ser o toque de Deus na vidas desses idosos, fui percebendo a necessidade que tinham de segurança e apoio espiritual, principalmente para aquele difícil momento de passagem.

Tenho usado como base o Salmo 23, e fico maravilhada de ver nos olhos deles uma luz a brilhar, sobretudo quando há a consciência de que a morte não é o fim e de que não estão sós. Por vezes tenho a impressão de que alguns deles estão apenas à espera desse apoio para poderem partir.

Tomando consciência disto o nosso desafio, enquanto servos de Deus, é ir ao encontro destes que esperam pelo toque de Deus nas suas vidas, mesmo que o toque chegue já no momento de partida.



115 anos da Paróquia do Salvador do Mundo com lançamento de livro e exposição

A Paróquia do Salvador do Mundo (Prado), em Vila Nova de Gaia, assinala, no dia 12 de Maio de 2016, o 115º aniversário da dedicação do seu templo ao Serviço Divino.

É um marco importante que merece ser vivido e testemunhado em Comunidade, daí a Junta Paroquial, com o apoio e coordenação do Arquivo Histórico da Igreja Lusitana, se ter abalançado na edição de um livro comemorativo e de uma exposição que serão apresentados no sábado, 14 de Maio, no período da tarde.

O programa para este dia contempla um breve devocional na Igreja, seguido de um momento cultural, assegurado pelo Coro do Orfeão da Madalena. Haverá também um colóquio sobre a Igreja, a Escola do Prado e a missão social atual, a que se seguirá a apresentação e lançamento do livro e abertura de exposição com painéis e material diverso de relevo histórico e informativo. No Domingo, 15 de Maio, pelas 11h00, vai-se realizar um Culto de Ação de Graças.

Posteriormente, a exposição poderá ser visitada no salão paroquial e o livro requisitado na Paróquia ou através do Centro Diocesano. Convida-se, desde já, os Irmãos a estarem presentes neste evento, que pretende fazer memória e projetar cada vez mais a Paróquia na localidade de Coimbrões, como um espaço acolhedor e inclusivo, onde o Louvor a Deus, o Testemunho a Cristo e o Serviço aos Homens são marcas de missão e testemunho. Na página do Facebook da Paróquia pode acompanhar os desenvolvimentos. Deixe-nos o seu “gosto” em www.facebook.com/paroquiadosalvador-domundo

96º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana

De 9 a 11 de Junho de 2016, vai realizar-se o 96º Sínodo Diocesano da Igreja Lusitana, nas instalações da Paróquia do Salvador do Mundo, ao Arco do Prado, Vila Nova de Gaia.

O Sínodo, presidido pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral, contará com a presença de 40 participantes em representação das Paróquias e Órgãos da Igreja. Estarão também presentes nesta reunião magna diversos convidados e representantes de outras Igrejas nacionais e estrangeiras e de entidades ecuménicas.

O Sínodo é o órgão máximo da Igreja constituído por todo o clero (Bispos, Presbíteros e Diáconos), Presidentes de Junta leigos, dois representantes paroquiais de cada Paróquia eleitos para esta função, dois delegados de cada um dos Departamentos Diocesanos (Juventude e Mulheres) e outras pessoas, de acordo com os Cânones. Reúne-se de dois em dois anos, sob a presidência do Bispo Diocesano para coordenar a vida da diocese.

O Culto de Abertura do Sínodo será ao final da tarde do dia 9 de Junho, no Templo da Paróquia. A 11 de Junho (Sábado), ao início da tarde, realizar-se-á o Culto de encerramento. O tema e a agenda desta reunião magna serão definidos pela Comissão Permanente da Igreja na sua reunião em Abril.

Apelamos ao povo da Igreja que ore pelo Sínodo e participe ativa e entusiasticamente, procurando refletir previamente nas Comunidades os assuntos em agenda.





Reverendo Diamantino Lemos

São muitos os problemas que a nossa própria sociedade enfrenta, quase intermináveis... Todavia, constata-se cada vez mais que as novas regras, novas leis, regulamentos, planos e práticas, todos eles destinados a resolver os nossos problemas, se voltam sobre si mesmo e tornam as coisas ainda piores, aumentando a sensação desesperada de que nada resulta. Esta realidade é muito mais acentuada nos meios onde a presença de Deus é mais notoriamente ausente.

De uma maneira geral, quando como crentes somos atingidos por dificuldades, Deus põe ao nosso dispor um meio que nos permite fazer-lhe chegar as nossas dificuldades, meio este, que a ser usado só o deve ser quando em nós existir uma perfeita comunhão com Ele, através de Jesus Cristo :

“Não estejais inquietos por coisa alguma, antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas, diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças”.
(Filip. 4,6)

Quando nos dirigimos a Deus com a fé de que S. Paulo fala, recebemos dele a certeza de que nos escuta e responde, confiando-lhe todos os nossos problemas, porque ele se preocupa conosco. (I Pedro 5,7)

Por muito forte que seja a nossa fé, e inteiramente seguros de que o nosso bom Deus não está alheio ao sofrimento dos seus filhos, com tudo que Deus tem para os seus servos, tal não inibe que os seus filhos, como seres humanos que são, não estejam sujeitos também às consequências da sua natureza humana, expondo-os do mesmo modo às consequências da sua humanidade.

Só na presença de Deus...

Não são poucas as vezes que ao longo da vida temos de enfrentar situações muitas vezes inesperadas, que nos deixam em perplexidade total, sem sabermos ou conhecermos qualquer facto que nos mostre em que erramos. São muitos os casos da nossa longa vida em que julgamos que tudo fazemos e tudo damos, convictos de que estamos a fazer tudo o que julgamos estar dentro dos preceitos e normas bíblicas, sem esperar que algo de estranho ou dramático possa acontecer, mas o facto é que acontece mesmo, mas Deus julgará com justiça (...)

Mesmo cumprindo, com aquilo que julgamos ser o nosso mais elementar dever cristão, não podemos pensar que essa vivência nos dá a garantia de que tudo possa ser “rosas” na nossa vida, pelo bem que possamos ter feito em favor dos outros. Apesar desta espécie de contradição, fazer bem e receber o mal é também um princípio bíblico:

“Não se esqueçam de justificar o bem e de repartir o que têm uns com os outros. É com estes sacrifícios que Deus fica satisfeito”. (Hebreus 13,16)

Este texto, cujas palavras buscam inspiração no texto bíblico, pretende testemunhar que as adversidades na vida, os condicionalismos no espaço e no tempo, a expressão do verdadeiro sentido do amor cristão, manifesta-se em todos os momentos da vida.

Só na presença de Deus é possível encontrar a força e a coragem e a perseverança para os tempos de provação!

“O Senhor vai à tua frente, estará contigo e não te deixará, nem te abandonará! Portanto não tenhas receio nem percas a coragem”. (Deuterónimo 31,8)

Senhor, aumenta-nos a Fé, nesta Páscoa

Reverendo Jorge Barros

É sabido que há uma Páscoa judaica e Páscoa Cristã. Mas só em parte são comuns... Embora os hebreus reconhecessem a “divindade única” desde Abraão, a religião organizada só começou com Moisés, desde a libertação do Egito, a criação de leis cerimoniais e leis morais, e a separação da tribo de Levi para os serviços sacerdotais.

Páscoa – em hebraico Pessah – significa passagem. Tem o sentido de “passagem do mar”(1), ou seja, a saída do Egito, mas de modo complementar também pode ser interpretada como sendo a “passagem da escravidão para a liberdade”. Fuga para a liberdade, de noite, após uma refeição à pressa. Casas marcadas com sangue nas ombreiras, e refeição constituída por pão sem fermento, cordeiro e ervas amargas (Êxodo 12:8). Este memorial passaria a ser a mais importante das três principais festas de Israel (Êxodo 34:18,22,23). Os escravos obrigados à lei ditatorial do Faraó passariam a servos voluntários da lei divina, protetora, benigna (...).

Na última ida de Jesus a Jerusalém, o templo reconstruído era enorme e tinha cerimônias grandiosas. Mas a Páscoa judaica também era celebrada numa pequena cerimônia em casa, chamada Haggada, que incluía exatamente a refeição pascal. Foi esta festa mais íntima que Jesus preferiu e, estranho paradoxo, celebrando a Páscoa judaica, simultaneamente transformou-a na Páscoa cristã, passando nós a celebrá-la em Seu nome e já não em nome de Moisés. Torna-se indispensável lembrar que esta semana e algumas antecedentes foram marcadas pelo sofrimento e incompreensões, incluindo falhas dos Apóstolos. A caminhada para a cruz, e não só a cruz, implicou dores físicas e sofrimento espiritual. Só depois disso vem a imensa alegria da Ressurreição. A provação a que Jesus foi sujeito atingiu os limites da sua capacidade humana.

As semanas da Quaresma são um tempo de preparação, com reflexão sobre o alto preço da obediência total, com a (provisória) injustiça do sofrimento do maior inocente – Jesus que conseguiu mais do que Moisés. Já não é “apenas” a libertação da escravidão. Jesus libertou do pecado. Não só no Egito, nem Israel, nem em todo o Mundo. Ainda mais do que isso – a libertação para a Eternidade.

Já não é preciso o sacrifício repetitivo de cordeiros. Temos o que diz S. João 1:29 “...o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo” sacrifício único e perfeito, em que Jesus é vítima voluntária e em certo sentido é ao mesmo tempo o Sacerdote perfeito. (...)

Ao fim de três dias após a morte de Jesus, a tristeza e a espera foram totalmente modificadas, numa reviravolta digna do melhor “suspense”. Assim, a última Ceia, que fora de despedida, fica voltada para o futuro. Já não só um memorial do passado, como em Moisés, mas é virada para o futuro. Um antegozo da vitória final, do Banquete no Reino dos Céus.

A Páscoa é também mais importante, para a Fé, do que o Natal. O nascimento virginal, sinal divino, foi apenas o início da caminhada e da missão de Jesus. A Páscoa significa que essa caminhada foi cumprida até ao fim de forma perfeita. Apesar das tentações de Satanás, dos obstáculos dos inimigos e das incompreensões dos discípulos. Estes só depois dos acontecimentos pascais começaram a entender muitas coisas que Jesus lhes dissera antes e passaram a saber mais claramente que o anúncio da mensagem ficaria daí em diante a seu cargo. Claro, teriam que esperar depois pelo Pentecostes, para não se dar o caso de confiarem apenas na sua coragem e na sua sabedoria... Mas estavam preparados para serem testemunhas, isto é “mártires” em sentido autêntico.

Ser profeta no Antigo Testamento não foi fácil. Ser Apóstolo, no Novo Testamento também não. Ser Cristão hoje também não. Creio não errar, se disser que quanto mais perfeitos quisermos ser, mais difícil será. Facilidade e felicidade nem sempre rimam, pelo menos enquanto peregrinamos por este planeta. Mas o Céu que ansiamos é mais perfeito que o firmamento. Contudo, a linguagem bíblica, cheia de comparações parabólicas permitiria dizer que, assim como a luz do Sol dissipa as trevas e é indispensável à vida, assim, e simbolicamente, a luz do Evangelho de Jesus é muito mais importante.

Senhor, aumenta-nos a Fé, nesta Páscoa!

(1) Na língua original, o texto diz “mar dos juncos ou das canas”

Reunião dos Primazes Anglicanos em Cantuária

Discurso Presidencial do Senhor Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, ao Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra, pronunciado em Westminster, Londres, em 15 de fevereiro de 2016, a propósito das decisões tomadas na Reunião dos Primazes de Janeiro de 2016



Para ajudar a dar-vos uma sensação do que foi a Reunião descrevo a Eucaristia final na Cripta da Catedral, a parte mais antiga do edifício. Sentámo-nos em semicírculo ao redor do altar. Num dos lados, à frente, estava o báculo com cruz de S. Gregório, o Papa Gregório, o Grande, que enviou o monge Agostinho em 597 para a reevangelização destas ilhas, pelo menos de acordo com a tradição romana. O báculo com cruz é muito bonito, inspirado, penso eu, no Apocalipse, com um cordeiro de marfim esculpido elevando-se acima do ataque de um dragão.

(...) Do outro lado do altar, e bem na sua frente, estava o Livro dos Evangelhos de Agostinho, emprestado pelo Colégio de Corpus Christi de Cambridge, trazido só para aquela Eucaristia. Mais um presente que por nós foi recebido com gratidão. O Livro está autenticado como datado do século VI e os Evangelhos têm bonitas iluminuras, o que expressou o forte simbolismo da nossa chamada a continuar na tradição começada há tanto tempo.

Diante do altar, durante o Ministério da Palavra, sentou-se Jean Vanier, que nos tinha falado na noite de quinta-feira, após as Vésperas, e pregou-nos durante a Eucaristia sobre S. João, capítulo 13, o lava-pés.

Ele levou-nos a meditar sobre essa passagem, e, em seguida, a lavar os pés uns aos outros, de modo que todos os Primazes lavaram os pés uns dos outros. Pareceu-me que muito do que somos, como Comunhão Anglicana, como povo de Deus, foi simbolizado na forma como tudo foi apresentado:

- O Ministério do Sacramento recordou-nos que através do sacramento reafirmamos a nossa catolicidade – a nossa unidade essencial com todos os Cristãos, em todos os lugares e em todos os tempos.

- O báculo pastoral falou-nos da conquista sobre o Mal, do apelo à unidade, do pastoreio do povo de Deus, na simplicidade e na santidade.

- Os Evangelhos, a Palavra das Escrituras, desdobram para nós a vida de Jesus, nosso Salvador, Palavra e Sacramento realizada em conjunto.

- E o próprio Jean Vanier, um símbolo vivo do que ver-

dadeira simplicidade e discipulado significa para a vida da Igreja de hoje.

Lavámos os pés uns aos outros e cada um orou uma bênção sobre aquele que lhe tinha lavado os pés, antes de lavar os pés dos outros Primazes; um grande contraste com o que é frequentemente retratado como os conflitos no seio da Comunhão. Muitos de nós estávamos em lágrimas. Começo por aí, porque tal coloca diante de nós a realidade da Comunhão Anglicana. É a própria obra de Deus inspirada pelo Espírito, cheio de seres humanos falíveis que devem confessar os seus pecados e que requerem o conforto da Palavra, a esperança dos Sacramentos e o exemplo dos Santos e do pastoreio daqueles que são chamados por Deus, por mais fracos que possam ser, à liderança, se quisermos ser para o mundo símbolos de unidade, que são o nosso chamado e propósito, e que nos permitirá a proclamar com mais confiança a Boa Nova de Jesus Cristo. (...)

Um dos momentos em que se votou – e não se vota frequentemente nestas reuniões, como dizem aqueles que já estiveram em várias –, quando tudo parecia perdido, sobre a questão de saber se poderíamos caminhar juntos ou separadamente, depois de um aviso – repetido duas vezes – de que o compromisso de caminhar juntos significava tomar uma responsabilidade pessoal, o resultado da votação foi unânime. Tal votação feita por braço no ar foi total e unânime pelo caminho conjunto. No entanto, as divisões eram profundas e permanecem. Não devemos ter quaisquer ilusões da fragilidade do processo ou do seu resultado.

(...) Desde o início, na primeira Conferência de Lambeth de 1857, e enfatizado em 1920 e 1930, em 1978, 1988 e 1998, no Relatório de Virginia, no Relatório Eames e a continuação do Grupo Windsor, e em inúmeros outros lugares, as Províncias da Comunhão Anglicana têm sido reconhecidas como um conjunto de igrejas autónomas e interdependentes. A autonomia significa que nenhuma Reunião da Comunhão tem qualquer autoridade para dar instruções às Províncias. Nenhuma Província está legalmente respaldada pela Comunhão; não há nenhum Sínodo dentro da Comunhão.

A interdependência reconhece que pertencemos uns aos outros por meio da ação de Deus, como chamados a ser um nas Escrituras, vivendo a tradição e refletindo razoavelmente a vida da Trindade na nossa unidade na diversidade. Quando uma Província decide tomar uma decisão que tenha um efeito profundo em outras Províncias, seja porque está fora da doutrina recebida da Comunhão ou através do seu impacto no dia-a-dia (neste caso ambos), em seguida, haverá consequências. Isto parece óbvio. As ações geram resultados.

A decisão dos Primazes em relação à Igreja Episcopal

dos Estados Unidos neste caso (que poderá ser para outras Províncias sobre outras questões no futuro) foi a de que, uma vez que estava em desacordo com a Comunhão numa questão importante, não deve representar a Comunhão em termos ecuménicos ou nas comissões para que tenha sido eleita. Também não pode votar em assuntos de doutrina ou política da Comunhão. Esta decisão vincula os Primazes como um grupo, mas não qualquer Província ou outro Instrumento da Comunhão. É uma orientação poderosa e moralmente forte, para usar a linguagem do Grupo de Continuação Windsor em 2008. O Bispo Presidente [da Igreja Episcopal, Michael Curry] considerou a decisão dos Primazes como um resultado justo.

A questão subjacente é a da receção da decisão. Tanto antes, como especialmente desde Lambeth 1920, que receção significou o processo informal pelo qual, ao longo do tempo, os desenvolvimentos teológico-práticos são aceites ou rejeitados através do consenso. Assim, as questões em torno da contração, em 1920, e em torno do divórcio, em Lambeth 1930 e 1948, foram encaradas na altura como ameaças à unidade da Comunhão, tão a sério como as questões da sexualidade humana agora. A receção vai nos dois sentidos. Houve um consenso contra a presidência de leigos na Eucaristia, apesar da significativa pressão no passado, mas o processo de receção rejeitou-o. Não foi um processo legal, mas um discernimento do Espírito baseado na relação entre as Províncias da Comunhão.

A importância disso é realmente muito grande. A Comunhão Anglicana encontra as suas decisões através do discernimento espiritual no relacionamento, não através de cânones e procedimentos. Estes operam a nível Provincial. Todos os desenvolvimentos devem mostrar sinais da presença do Espírito, não só localmente, mas em toda a Comunhão. As Reuniões dos Primazes, Conferências de Lambeth e ACCs não são uma questão de ganhar ou perder, mas de discernir.

(...) Falamos justamente de Escritura, de Tradição e de Razão, mas na tensão em que vivemos numa Igreja global, há um outro trio, de liberdade, da ordem e da prosperidade humana, definido por Tim Jenkins num artigo em 2002. Como Comunhão (e como Igrejas) onde a autoridade é encontrada no discernimento e expressa no relacionamento, este trio é de grande importância. Dá-nos a âncora para quebrar barreiras, uns perante os outros, na beleza da interação humana no amor. O desastre acontece sempre que um elemento ultrapassa os outros num grau excessivo. A fome de poder, mascarada de ordem, muitas vezes ultrapassa a liberdade e negligencia o florescimento humano.

A ordem é essencial, mas existe para garantir o lava-pés e o amor e não a dominação. Certamente depois da Reforma Protestante e as guerras religiosas que dominaram a Europa nos 100 ou mais anos seguintes, havia um sentido de ordem pervertido que levou à crueldade terrível que quase ficou sem paralelo na Europa até o século XX. A Igreja, confrontada pela modernidade, procurou o poder através da ordem mais do que o florescimento humano ou a liberdade: foi a partir dessas tensões que surgiu o Anglicanismo, e desde 1857 e da primeira Conferência de Lambeth, desenvolveu um modelo relacional de autoridade.

A Igreja, na sua ordem destina-se a encorajar a liberdade em Cristo, que é prometida, e o florescimento humano, que é a visão do Reino de Deus. Quando o equilíbrio é



errado e, mais ainda, quando nos sentimos ameaçados, como um navio com uma tripulação disfuncional rumando às rochas, cada um dos diferentes grupos se esforçam por agarrar o leme de modo a que possam demonstrar que eles e só eles sabem o caminho para evitar o desastre. A realidade é que nenhum deles o conhece completamente e o desastre só é evitado pela unidade que aprecia e celebra a diversidade da liberdade que floresce dentro de amplos limites da ordem.

Isto é o centro de muitas das discussões na Comunhão. Quais são os limites da diversidade? Quem controla? A história colonial britânica diz-nos que foram os cristãos brancos da classe média do hemisfério Norte que impuseram as leis aos cidadãos da antiga potência colonial em muitos lugares, e esse foi um processo que ainda é justamente e profundamente ressentido.

No entanto, a ordem é essencial para descobrir-se a liberdade e a ordem e a liberdade são necessárias para o florescimento humano. Se trazemos para a nossa Igreja e para o mundo a certeza de que Jesus veio para nos libertar, e para abrir o caminho da verdadeira prosperidade humana no serviço aos outros e a Ele; se a nossa expectativa em que só no lava-pés, mesmo dos nossos inimigos, se demonstra adequadamente a Verdade, então, na beleza do relacionamento prevalecerá a graça de Deus, como a que esteve presente no Encontro dos Primazes. A vida não será perfeita, nem mesmo algo que se aproxime. Tal tipo de escatologia super conseguida é um contrassenso. Não há soluções rápidas, varinhas mágicas ou feitiços perfeitos. Não há nenhuma ordem na Igreja que garanta a perfeição, nem em que o pecado humano não adicione os seus aos problemas do todo.

No entanto, há um caminho a seguir que revela a unidade que nos foi dada, e que celebra a força que podemos dar uns aos outros. Tal permite-nos amar aqueles que se nos opõem e focalizarmo-nos no desenvolvimento humano e na libertação daqueles que estão vinculados por regras que Jesus nunca poderia ter imaginado, nem Paulo e que têm emergido por um desejo de poder em vez da expectativa do Reino de Deus. Há, em suma, um caminho em que parecemos o povo de Cristo.

Tradução e adaptação por
+ Fernando Soares, Bispo Emérito da Igreja Lusitana

Rede Lusófona da Comunhão Anglicana reconhecida oficialmente

Na sua reunião de 15 de Setembro de 2015, a Comissão Permanente do Conselho Consultivo Anglicano, reunida em Londres, estabeleceu oficialmente a Rede Lusófona da Comunhão Anglicana (Anglican Lusophone Network). Este reconhecimento vem na sequência do pedido formulado pelos representantes das dioceses lusófonas da Comunhão Anglicana no encontro realizado na cidade brasileira do Recife em finais de Fevereiro de 2015.

Uma rede autorizada da Comunhão Anglicana permite ligar os Anglicanos globalmente e criar dinâmicas ao nível da missão e ministério a desenvolver. Deste modo a rede contribui para a unidade, vida e testemunho da Comunhão Anglicana. As Igrejas Anglicanas que passam a constituir esta rede e que têm o português como língua oficial são; a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Portugal – uma diocese), a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (uma Província com 10 dioceses), a Igreja Anglicana em Angola (uma diocese) e a Igreja Anglicana em Moçambique (duas dioceses).

Estas Igrejas abrangem 350.000 pessoas. Com este suporte oficial por parte da Comunhão Anglicana, as Igrejas reforçam a sua relação de companheirismo fraterno e de cooperação na Missão da Igreja e dão a sua contribuição própria para o Anglicanismo em geral. A constituição desta rede e as suas atividades e desenvolvimentos passam agora a estar alojadas oficialmente no website da Comunhão Anglicana.

Comentando este desenvolvimento, D. Jorge Pina Cabral, na sua qualidade de coordenador do grupo de trabalho da Rede Lusófona, exprimiu a sua profunda satisfação pelo reconhecimento oficial e consequências positivas que trará para a Missão das Igrejas. Enquanto coordenador do grupo de trabalho desta rede, o bispo da Igreja Lusitana, estará presente, na reunião do Conselho Consultivo Anglicano que se realizará em Lusaka capital da Zâmbia (África) em Abril próximo com o tema «Discipulado intencional num mundo de diferenças». Neste grande encontro internacional, que irá congregar Anglicanos de todo o mundo, uma parte do programa será dedicada à apresentação do trabalho das redes oficiais da Comunhão Anglicana. As Igrejas lusófonas anglicanas terão assim uma oportunidade em dar a conhecer o seu trabalho através de workshops e sessões temáticas próprias.

Atualmente estão reconhecidas 10 redes de trabalho que incidem em áreas de Missão diversificadas como o Meio Ambiente, a Saúde, a Família, as Mulheres, Interfé, Paz e Justiça, Colégios e Universidades, Prevenção de abusos e Povos indígenas. Está criada também uma rede linguística que congrega as Igrejas Anglicanas de fala francesa.

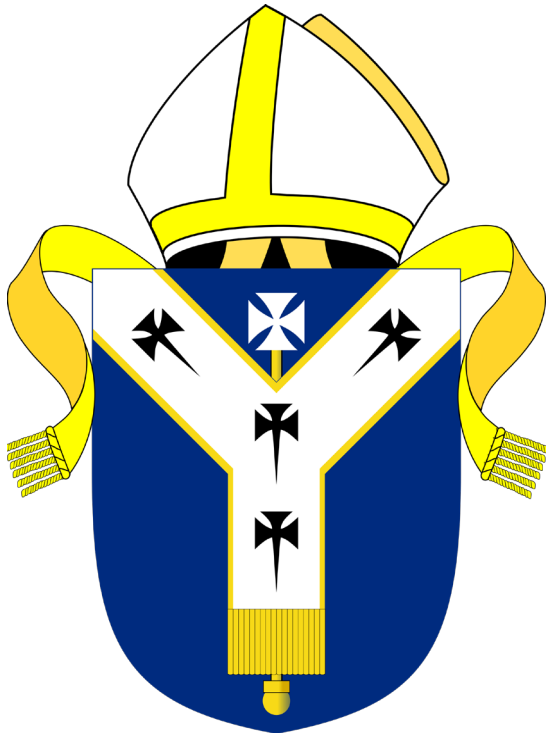


«Sonho que se sonha só é apenas um sonho. Sonho que se sonha junto é o começo da realidade»

Miguel Cervantes



Mensagem pascal do sr Arcebispo de Cantuária



Neste tempo de Páscoa saúdo-vos uma vez mais em nome do Cristo ressuscitado, nosso Senhor e Salvador!

Vivemos tempos nos quais a esperança última da nossa fé parece particularmente difícil de ser comunicada, e temos que encontrar tranquilidade no meio da dúvida, coragem perante o desespero, e alegria nas profundezas da dor. Queridos amigos, continuemos a ser confortados por encontrarmos tudo isto e mais ainda na história da Páscoa.

O dia de Páscoa ocorreu num mundo desconhecedor do evento transformador da Ressurreição de Cristo. Parecia que os poderes que tinham conspirado contra Jesus tinham ganho o dia. Os seus amigos e seguidores foram confrontados com o trauma da violenta e injusta morte do seu Senhor Jesus, no qual tinham colocado toda a sua fé, esperança e amor. Eles estavam nas garras da confusão perante o que aqueles acontecimentos significavam, profunda culpa e vergonha perante a sua própria falha em permanecer com ele quando ele mais precisou deles, e medo perante o futuro, quer às mãos das autoridades, e perante o dilema existencial surgido com a consciência que o seu Messias tinha sido derrotado, obrigando-os a esconderem-se, ou partilharem os seus pensamentos e sentimentos apenas com os do seu círculo de confiança.

O que os começou a mudar e a todo o mundo foi que o seu Jesus, o Senhor ressuscitado, veio ter com eles e revelou-se-lhes. No Evangelho de Lucas lemos o relato dos dois discípulos no caminho para Emaús, procurando através de intensa conversação, encontrar

sentido para o que tinha acontecido, quando «o próprio Jesus lhes apareceu e caminhou com eles». Nada pode impedir Jesus de vir até eles e de os acompanhar, partilhando a sua jornada e as suas preocupações e abrindo-lhes os olhos e os corações até o reconhecerem como seu Senhor. Em diferentes situações e a diversas pessoas o Jesus ressuscitado apareceu e com elas confraternizou, mesmo com Simão Pedro, que estava derrubado pela sua própria culpa em ter traído o seu Salvador. E a todos aqueles a quem Ele se revelou, viram-no e proclamaram que «o Senhor verdadeiramente ressuscitou».

É neste contexto que redescobrimos as Boas Novas do Evangelho, que partilhamos como cristãos pelo globo: que Jesus deu-se a conhecer nas nossas próprias vidas, e que nenhum poder ou principado ou circunstância nos pode «separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo nosso Senhor» do qual tiramos toda a nossa esperança.

E porque ele nos amou primeiro, temos coragem para partilhar este amor, e em ser suas testemunhas e discípulos. Tornou-se o nosso chamamento, caminhar com os nossos irmãos e irmãs, sejam eles ou não da nossa fé, sendo Cristo para eles em solidariedade com as suas preocupações e necessidades, partilhando a nossa confiança no Senhor ressuscitado através da palavra e ação.

Possa a alegria do Cristo vivo ser a vossa na celebração da Páscoa onde quer que Ele venha para vos encontrar.



Justin Welby, Arcebispo de Cantuária



Como paramos o terrorismo?

Foto: Lusa

*Reverendo Cónego Dr. Phil Groves **

As bombas que rebentaram na Semana Santa em Bruxelas lembraram-me as que explodiram em Londres a 7 de Julho de 2005. Devastaram vidas e criaram uma cultura de medo e de incompreensão que ainda hoje permeia a vida no Reino Unido. Três dos bombistas foram educados em Beeston Hill, em Leeds. No final dos anos 80 eu fui pároco em Beston Hill. Esta zona estava num triste estado.

Havia poucos empregos e eram aí colocadas pessoas com problemas mentais e de drogas. Ser aí colocado foi um choque. Confrontei-me com pessoas cujas vidas eram um caos, viviam sem esperança e nenhuma auto-estima. No meio de tudo isto estava a Igreja que era ativa e vibrante. Ao Domingo tínhamos mais crianças na Igreja do que adultos.

A comunidade ajudava-se muito. Mas a Igreja era exclusivamente branca. Não tínhamos um único Asiático nos nossos bancos. Nunca entrou nas nossas cabeças

que tal poderia ser diferente. Ao contrário as ruas estavam vivas com as cores vibrantes dos saris das mulheres e os cheiros das especiarias a emergir das lojas. A religião predominante era o Islão. As demografias estavam a mudar e a mudar rapidamente. Como Igreja estávamos a ignorar a realidade. Tínhamos muito que fazer entre a gente branca. Todas as nossas iniciativas eram realizadas pelos brancos e para os brancos. Em Beeston vivíamos vidas segregadas.

Poderíamos ter vivido diferentemente.

Nessa altura três dos bombistas eram simples crianças que frequentavam as escolas locais. Não me via como um racista. Todos os dias eu passava pela Escola Primária de Hillside no meu caminho para a Igreja, mas nunca aí entrei. A «nossa Escola» a Escola da Igreja, estava a meio quilómetro. Era para aí que eu ia. «A nossa Escola» era 90% branca. Hillside era 90% Asiática. Eu passava. Todos os dias eu passava. Pai perdoa-me!

O líder dos bombistas de Londres era Mohamad Sidique Khan e ele tinha conexões com a Escola Primária de Hillside. Em retrospectiva parece óbvio o que poderíamos ter feito; havia mudanças que poderíamos ter feito enquanto Igreja que poderiam ter mudado a história. Contudo, ainda hoje as pessoas dizem que não conseguem compreender o que motivou Mohamad Sidique Khan.

Ele era um respeitado líder juvenil na sua comunidade, ajudando os jovens a evitarem as drogas e promovendo programas sociais. As pessoas estão confusas sobre o que o levou a recrutar um grupo para executar um ataque mortal. É um mistério para nós porque é que famílias jovens deixam a segurança do Reino Unido para irem para a Síria e juntarem-se ao Estado Islâmico.

«O Terrorismo nunca é um acidente. É deliberado, calculado, sistemático e executado com precisão. Tem que ter sucesso. Mas necessita de um solo no qual crescer. Esse solo é a comunidade que está preparada consciente ou inconscientemente, a permitir que tal aconteça»

Mas Francis Omondi diz-nos que o terrorismo é deliberado, calculado, sistemático e executado com precisão. É racional. Tal significa que existem respostas. Parece ser um incompreensível movimento do diabo dado que as causas são complexas e multifacetadas. Mas tal não significa que é impossível de responder, significa apenas que as respostas são complexas e difíceis.

Mark Russel é um agente de reconciliação na Irlanda do Norte. Ele sabe que o terror pode ser derrotado, mas não através da violência. Apenas pode ser derrotado se tu e eu formos aos lugares seguros daqueles que olhamos como estrangeiros. É neste ir para junto deles que deitamos abaixo as barreiras.

Francis Omondi vive entre cristãos e muçulmanos no Quênia e relembra-me constantemente que apenas um punhado de pessoas percebeu realmente a escala da mudança que nos está a ser solicitada se queremos quebrar o vicioso ciclo de violência que está a arruinar o nosso mundo. A mudança deve vir quer do nível local quer do global. A injustiça necessita de solo para crescer. Esse solo é uma comunidade que está preparada, consciente ou inconscientemente, a permitir que tal aconteça.

Ele relembra-nos que temos que nos mover de uma cultura de medo para uma outra de aceitação e potencial. Temos que encarar os assuntos reais da pobreza,

da exclusão do poder, negação da educação e outros assuntos de injustiça perante a opressão. Temos que fazer isto em conjunto, não Cristãos a culpar Muçulmanos, brancos condenando negros, e definitivamente não os poderosos a culpar os pobres.

«Na Irlanda do Norte aprendemos que não podemos combater o ódio com a violência. Derrotamos os terroristas quando construímos comunidades tolerantes e inclusivas.»

Temos que o fazer de um modo correto nas nossas comunidades. E deve ser feito globalmente em qualquer comunidade pelo mundo. Não derrotaremos imediatamente esta ronda de terror sendo apenas pessoas simpáticas. Necessitamos ainda de proteção perante uma geração radicalizada. Mas só derrotaremos o terror a longo termo se criarmos comunidades de justiça e relações para além das barreiras.

A Boa Notícia é a de que :

- todos somos capazes de fazer a diferença onde estamos;
- todos podemos ultrapassar barreiras e trabalhar com pessoas à volta do mundo;
- Cristo foi antes de nós e enviou-nos seu Espírito Santo;
- Juntos podemos terminar com o terrorismo.

(Texto traduzido e adaptado do Anglican News Service
- 24 de Março de 2016)

*O Cónego Anglicano Phil Groves é o director do processo Indaba e autor do livro «Vivendo a Reconciliação»



Bispo da Igreja Lusitana na sagração do novo Bispo da Áustria

A convite da comunhão Velho Católica, o bispo da Igreja Lusitana, D. Jorge Pina Cabral, esteve presente na sagração do novo bispo da Igreja Velho Católica da Áustria, Bispo Dr. Heinz Lederleitner.

A celebração presidida pelo sr Arcebispo de Utreque, Yoris Vercammen, decorreu no Sábado dia 13 de Fevereiro na cidade de Viena numa Igreja Luterana e contou com a presença dos bispos da Comunhão Utreque e de bispos Anglicanos.

A sagração teve um ambiente solene enriquecido por um excelente coro litúrgico e contou com a assistência de muito povo da Igreja e de convidados Ecuménicos.

O novo Bispo, com 57 anos de idade foi anteriormente padre da Igreja Católica Romana, tendo-se integrado em 2003 na Comunhão da Igreja Velho Católica da Áustria, e sido eleito Bispo, no Sínodo diocesano desta Igreja realizado em Outubro passado. Como lema para o seu episcopado adotou a frase bíblica : «Cristo, luz do mundo» (João 8,12).

Referindo-se à sua participação, D. Jorge, referiu a profunda alegria que sentiu por poder desenvolver o seu múnus episcopal na sagração de um novo bispo e pelo reforço dos laços de unidade e de catolicidade entre as Igrejas presentes.

A Igreja Lusitana encontra-se desde 1965 em plena Comunhão com as Igrejas Velho-Católicas de Utreque sendo habitual, os bispos das diversas igrejas participarem e imporem as suas mãos na sagração dos novos bispos. O 50º aniversário desta plena comunhão foi recentemente celebrado na catedral lusitana com a presença do Sr. Arcebispo de Utreque.

Refira-se que foi o anterior bispo da Igreja Velho Católica da Áustria, D. John Okoro, que representou a Comunhão de Utreque na sagração do atual bispo da Igreja Lusitana.



Evento Internacional na Catedral Lusitana

Portugal vai receber pela primeira vez o Encontro Europeu dos Conselhos Nacionais de Igrejas da CEC – Conferência Ecuménica de Igrejas da Europa.

O evento terá lugar de 31 de Maio a 3 de Julho e a Igreja Lusitana viu a sua Catedral, em Lisboa, ser o local escolhido, mediante proposta do COPIC – Conselho Português de Igrejas Cristãs, em reunião realizada em Outubro de 2015. Esta oportunidade constitui uma bênção para as Igrejas Ecuménicas em Portugal tendo em conta a visibilidade, o testemunho e as novas possibilidades de missão que certamente se vão criar. De referir que sob proposta do então Secretário-geral da CEC, Rev. Dr. Guy Liagre, o Rev.º Sérgio Alves, foi nomeado pessoa de contacto para assessoria do grupo organizador do evento (foto).

Participarão neste encontro cerca de 30 representantes dos Conselhos Nacionais de diversos países da Europa, bem como os membros da direção do COPIC e convidados nacionais e internacionais. O programa contempla vários momentos devocionais, abertos ao povo das Igrejas, com destaque para a Celebração de abertura, no templo da Catedral, no dia 31 de Maio, pelas 16h00, e a Celebração de conclusão, no mesmo local, no dia 3 de Junho, pelas 12h15.

Os principais temas em reflexão são: “introdução geral à vida das Igrejas em Portugal”; “vivendo relações entre o Estado e as Igrejas num contexto de Minoria/Maioria – situação de Portugal”; “Crise de Refugiados na Europa – partilha de experiências”.

O Cardeal Patriarca D. Manuel Clemente participará no evento assegurando uma apresentação sobre o tema: “migração e refugiados” no dia 2 de Junho, no período da manhã. Também serão intervenientes, o Dr. Fernando Soares Loja, Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa em Portugal, a Professora Helena Vilaça, Socióloga e o Dr. Rui Marques da PAR – Plataforma de Apoio aos Refugiados. O grupo terá oportunidade de conhecer vários pontos de interesse em Lisboa e a convite do Cardeal Patriarca, visitar o Mosteiro de S. Vicente de Fora e o Patriarcado.

Este encontro suscita grande interesse nos meios ecuménicos ao nível dos países europeus representados pelos respetivos conselhos, bem como ao nível das agências internacionais e órgãos de comunicação social. Espera-se convictamente, mediante o auxílio do Espírito Santo, que novos desenvolvimentos ecuménicos possam vir a acontecer em Portugal.



«Hospitalidade na Oração» une Igrejas com os doentes

A Capela do Hospital de S. João, no Porto, acolheu no dia 10 de março, pelas 21h00, seguindo uma tradição com mais de 15 anos, uma Celebração Ecuménica em que participaram ministros de várias Igrejas Cristãs do Porto: Igreja Católica Romana, Igreja Lusitana – Comunhão Anglicana, Igreja Metodista, Igreja Luterana Alemã do Porto, Igreja Ortodoxa Russa, doentes, colaboradores do Hospital, membros da nova Administração e povo das Igrejas.

Sob o tema “Hospitalidade na Oração”, mais de 150 pessoas, vivenciaram uma liturgia inspirada no guião da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos do ano 2016.

Num gesto tanto surpreendente como revelador de uma humildade particular, o Padre José Nuno Silva, Capelão do SAER – Serviço de Assistência Espiritual e Religiosa daquele Hospital, pediu a D. Jorge Pina Cabral, na qualidade de Bispo da Igreja Lusitana, para presidir à Celebração. A pregação foi realizada pelo Bispo Sifredo Teixeira, da Igreja Metodista e incidiu sobre o “Pai Nosso”.

O momento alto aconteceu quando os ministros das Igrejas realizaram o rito do lava-pés, lavando, tocando e enxugando os pés de doentes presentes, dando assim um testemunho concreto e necessário da dimensão fundamental do serviço e da humildade como marcas indeléveis do ser Cristão tão necessárias para os dias de hoje.

O Coro Polifónico da Lapa interpretou peças provinidas das diferentes sensibilidades eclesiais com uma qualidade tão bela que permitiu uma vivência espiritual muito profunda e contagiante.

Finda a Celebração, houve tempo para saudações e confraternização à volta de um chá.



S. Lucas: o Médico, o Escritor, o Evangelista

Reverenda Elisabeth Sena

Lucas (significado do nome: brilhante, iluminado) é citado no Novo Testamento três vezes: as duas primeiras em Colossenses (4,14): “Saúda-vos Lucas, o médico amado, e também Demas”, e em Filemom (23-24): “Saúdam-te Epafras, prisioneiro comigo, em Cristo Jesus, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores.” Por estas saudações pode-se deduzir o seguinte: Lucas foi um dos colaboradores de Paulo na sua missão entre os gentios; aliás o apóstolo na sua carta aos Colossenses (4,10s) destaca os colaboradores da circuncisão de forma específica, sem mencionar Lucas entre eles, o que leva a crer que este não era de descendência judaica. Logo, Lucas era um gentio cristão.

Outro aspecto importante prende-se com o título de médico, que lhe é atribuído (Cl 4,14) revelando que este era cientificamente instruído. A terceira passagem onde Lucas é referido é em 2Tm 4,11a: “Somente Lucas está comigo.” Paulo está no final de sua vida, preso em Roma pela segunda vez (por volta do ano 66). Os seus colaboradores encontram-se em viagens missionárias, outros, como Demas, abandonaram-no por “amor ao mundo”! Apenas Lucas lhe faz companhia na prisão que antecede o seu final de vida em martírio. Mas, afinal quem era Lucas, de onde era? Os santos padres da igreja, Eusébio e Jerónimo com base em tradições antigas, referem que Lucas era natural de Antioquia (Síria).

E nos “Excursos sobre a biografia de Lucas” o teólogo alemão protestante Theodor von Zahn (1838-1933) chama atenção para um manuscrito grego escrito por volta de 300 d.C., onde se lê: “Lucas é um sírio de Antioquia, médico de profissão, aluno de apóstolos”. Mais tarde, porém, ele acompanhou Paulo até ao seu martírio. Depois de servir ao Senhor incansável e desinteressadamente, adormeceu, aos 84 anos de idade, na Beócia (ou em Tebas, capital da Beócia) cheio do Espírito Santo”.

Também o teólogo suíço Frédéric Louis Godet (1812-1900), chama a atenção para a narrativa acerca da constituição da igreja de Antioquia (Act 11,20-24) onde predomina um traço de entusiasmo, de vitalidade e frescor, ficando a impressão de que Lucas escreveu sob o impacto das mais fiéis recordações pessoais, o que leva a crer, que juntamente com o apóstolo Paulo, que por vários anos cooperou em missão nessa jovem igreja, desenvolveram uma longa e profunda amizade (...).

De acordo com pesquisas de Zahn, após a execução de Paulo em Roma (66 ou 67 d.C.), Lucas dirigiu-se à Grécia, ficando ali por algum tempo como servo itinerante da palavra de Deus. Um outro aspecto interessante a reflectir e, que nos passa um pouco despercebido, é o de Teófilo como destinatário do Evangelho de Lucas. Mas, porque é que tanto o evangelho como o livro dos Actos dos Apóstolos lhe foram dedicados? Vejamos! Em Lc 1,3 Teófilo é considerado e designado como “excelentíssimo Teófilo”; o título excelentíssimo era usado naquele tempo, para senadores e cavaleiros (clarissimus), como os procuradores romanos Félix (cf. At 23,26; 24,2), e Festo, (cf. Act 26,25), o que leva a crer que Teófilo parece ter sido um homem de renome.

«Essa, é pois, a maravilha, que apesar de suas diferenças e peculiaridades, os quatro evangelhos, tomados em conjunto, expuseram em admirável harmonia e concórdia a gloriosa figura de Jesus»

A dedicatória a Teófilo não exclui a possibilidade de Lucas querer visar nos seus escritos um grande círculo de notáveis leitores. Tal como hoje, também na Antiguidade dedicava-se livros a determinadas personalidades. As recognitiones (atestações) clementinas, de meados do século II, relatam que, após a pregação de Pedro, Teófilo, importante entre todos os cidadãos proeminentes de Antioquia, teria cedido o grande pórtico (salão ou colunata) de sua casa para reuniões de culto a Deus.

Ora, sendo Lucas um homem de uma abrangente visão histórica (cf. Lc 3,1s) tem a preocupação de atingir um amplo círculo de cidadãos gregos, vendo em Teófilo

um digno representante. Mas, esta dedicatória não se cinge a meras questões de honra, pois, até ao surgimento da imprensa, a edição de um livro era muito dispendioso. Por essa razão, os autores costumavam dedicar suas obras a uma personalidade abastada que, caso aceitasse a dedicatória, era considerada um “patronus libri” (padrinho do escrito) que se encarregaria de abrir caminho na opinião pública para a nova obra, promovendo a sua apresentação perante um círculo selecto, encomendando por sua conta as primeiras cópias.

Passemos agora, para as fontes do Evangelho de Lucas, tradicionalmente datado entre os anos 59-63 embora actualmente, o consenso seja mais para 63-69 d.C. A pregação dos apóstolos é sem dúvida a sua principal fonte. O próprio Jesus os tinha escolhido para essa finalidade, transformando-os em seus cooperadores, designando-os com frequência como Suas testemunhas. Vejamos: “Vós sois testemunhas destas coisas” Lc 24,48; “Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” Act 1,8; “O Espírito... dará testemunho de mim, e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.” Jo 15,26s.

Essa qualidade de testemunha ocular passou a ser também determinante quando os apóstolos tiveram que eleger outro, para substituir Judas, após a Ascensão (cf. At 1,21s). Também Act 2,42 refere o ensino dos apóstolos (didaché ton apostolon) resultante das narrativas acerca da vida e do ensinamento de Jesus, como única dogmática e único catecismo dos cristãos na época. Supervisionar as primeiras traduções era incumbência dos próprios apóstolos, sobretudo dos que falavam o grego, provavelmente André e Filipe (cf. Jo 12,20s) e certamente Mateus, que havia sido oficial de alfândega. Com a difusão dos escritos na língua grega, sobre a vida e o ensinamento de Jesus, a mensagem bíblica revestiu-se de uma configuração ainda mais sólida. Incontestavelmente a tradição viva era a fonte mais rica a que todos recorriam.

O teólogo protestante F. Godet escreve: “A meu ver, temos na tradição oral um princípio suficientemente firme e ao mesmo tempo flexível para esclarecer tão notável relação entre os três sinópticos: por um lado sua semelhança, com uma coincidência até mesmo parcialmente literal, por outro lado, porém, também sua diversidade”.

Reinhold Seeberg (teólogo alemão – 1859-1935) acerca deste tema afirma: “Essa é, pois, a maravilha, que apesar de suas diferenças e peculiaridades os quatro evangelhos, tomados em conjunto, expuseram em admirável harmonia e concórdia a gloriosa figura de Jesus”. Desafiando: “Afinal, é possível essa maravilhosa concordância?” Sim, diremos convictamente! É possível unicamente pela condução inequívoca do Espírito Santo! Theodor Zahn vem ainda elucidar: “Assim como a mãe de Jesus, como membro da igreja de Jerusalém, sobreviveu à ressurreição de seu filho, quiçá por longo tempo (At 1,14; Jo 19,27), também o acervo de suas reminiscências deve ter sido um bem comum dos cristãos de Jerusalém durante os anos 30 a 40 (e, conseqüentemente) dos primeiros pregadores em Antioquia; (talvez por isso, Lucas) por duas vezes, di-

rige o leitor com intenção inequívoca para Maria, como fiel depositária desse tesouro (cf. Lc 2,19-51)”(...)

Para terminar, façamos uma brevíssima reflexão do plano e da estrutura do Evangelho de Lucas. Tal como os outros evangelistas, Lucas não se preocupou basicamente com uma história factual, pois sem dúvida todos tiveram por objecto de fé o plano de salvação de Deus para a humanidade, em Cristo Jesus. Mateus, mostra a relação da história de Jesus com a revelação do AT. Na verdade, ele descortina uma vasta perspectiva para a obra missionária futura em suas palavras finais. Apesar disso, está um pouco mais voltado para o passado.

Lucas na verdade, também salienta a relação entre a antiga e a nova aliança, mas acima de tudo ele busca na palavra e no gesto de Jesus o ponto de partida e o início de uma nova vida espiritual. O evangelista tem o seu olhar sobretudo voltado para o futuro! Já Marcos, não enfoca o seu evangelho nem para o passado nem para o futuro, mas para uma vida incomparável que se “adivinha” diante do legado de Jesus (como Ele vivia, como falava e agia), tentando suscitar simplesmente nos seus leitores a viva impressão do que as testemunhas de facto haviam recebido da Sua pessoa. João, por fim, fixa o olhar no Jesus que é a eternidade (o princípio e o fim), a vida divina que ingressou na humanidade, oferecendo-a a todos que almejam esse alvo supremo. Pelo exposto, conseguimos entender que dentre dos quatro evangelhos, Lucas explicita o nexos mais estreito com a evolução ulterior do cristianismo, que constatamos de seguida no livro de Actos dos Apóstolos. Os dois escritos formam uma unidade integrada, razão pela qual também o andamento dos dois escritos exhibe uma marcante semelhança (...).

«Lucas na verdade, também salienta a relação entre a antiga e a nova aliança, mas acima de tudo ele busca na palavra e no gesto de Jesus o ponto de partida e o início de uma nova vida espiritual. O evangelista tem o seu olhar sobretudo voltado para o futuro!»

Os quatro evangelistas escrevem acerca da tentação de Jesus no deserto, mas só Lucas acrescenta: “Apartou-se dele o diabo, até momento oportuno.” (Lc 4,13). Todos relatam seu sofrimento no Getsémani, mas só Lucas preservou para nós o relato comovente do suor “como gotas de sangue caindo sobre a terra” e, do anjo que o fortalecia (Lc 22,43-44). Todos falam do arrependimento de Pedro, mas unicamente Lucas menciona o olhar do Senhor (Lc 22,61).

Se no final desta reflexão me é permitida uma modesta opinião, quase que me atrevo a dizer que o terceiro evangelho é a coroa dos evangelhos sinópticos.

Eutanásia ... Ortotanásia

Reverendo João Hipólito

A nossa sociedade tem sido objeto de sucessivas vagas de “chamadas questões fraturantes”.

Grupos de pressão, lóbis por vezes tão poderosos que até atingiram a própria cúria romana e eventualmente tiveram impacto na renúncia impar do sumo pontífice Bento XVI.

Começámos por ver a apologia das substâncias psicoativas e de propostas de liberalização, despenalização e legalização, frequentemente começando pela apologética de substâncias cheias de “qualidades” e sem riscos para os consumidores. No entanto, não era o que a clínica nos mostrava, podendo hoje verificar-se que já a quantidade de literatura científica sobre o assunto é suficiente para não deixar dúvidas relativamente à sua perigosidade e riscos para a saúde dos utilizadores.

Em consequência desta campanha ficou o desinvestimento na luta pela abstinência e, com a generalização dos chamados projetos de prevenção de riscos, das comunidades terapêuticas que visando a abstinência e reinserção na sociedade como cidadão a parte inteira, quase desapareceram. São, assim, substituídas por milhares de cidadãos em estado de permanente alteração de consciência, causada pelos opiáceos distribuídos largamente, como “tratamento” preferencial, senão único.

Outras questões fraturantes foram aparecendo, sempre apresentadas como um progresso civilizacional e de defesa da liberdade e dos direitos inalienáveis do indivíduo.

Numa época em que os divórcios quase igualam os casamentos, em que os “casamentos em leasing” e precários se multiplicam levando alguns a acreditar que o casamento tradicional está em vias de extinção, aparece uma reivindicação do casamento oficial de pessoas do mesmo sexo, com um caráter de urgência e de indispensável respeito pela não discriminação de género e da liberdade individual.

A legislação segue e expande-se pelo mundo ocidental, sendo os cétricos olhados como retrógrados, discriminantes e “velhos do Restelo” inadaptados à nossa sociedade hodierna e progressista.

Ultrapassadas estas “questões” fraturantes, uma “nova” surge, nomeadamente, como o direito à eutanásia. É apresentada como o direito a dispor da sua própria vida, quando não da dos outros, como no caso das crianças ou de pessoas incapazes de decidir do seu próprio destino, por razões múltiplas.

Aparece com diversas designações, tais como, suicídio assistido ou eutanásia passiva, ou ativa e, também, com diferentes tipos de argumentos, isto é, o direito a uma morte digna, o direito a não ter de se submeter a um sofrimento intolerável, o direito a não ter de sofrer o “encarniçamento terapêutico”. Gradualmente vão se tornando objeto de um relativo consenso na nossa sociedade. Este encontra-se enquadrado no “testamento vital” que a lei 25/2012 de 16 de julho de 2012 regula garantindo o direito a:

a) Não ser submetido a tratamento de suporte artificial das funções vitais;

b) Não ser submetido a tratamento fútil, inútil ou desproporcionado no seu quadro clínico e de acordo com as boas práticas profissionais, nomeadamente no que concerne às medidas de suporte básico de vida e às medidas de alimentação e hidratação artificiais que apenas visem retardar o processo natural de morte;

«Ultrapassadas estas “questões” fraturantes, uma “nova” surge, nomeadamente, como o direito à eutanásia. É apresentada como o direito a dispor da sua própria vida, quando não da dos outros, como no caso das crianças ou de pessoas incapazes de decidir do seu próprio destino, por razões múltiplas».

c) Receber os cuidados paliativos adequados ao respeito pelo seu direito a uma intervenção global no sofrimento determinado por doença grave ou irreversível, em fase avançada, incluindo uma terapêutica sintomática apropriada;

d) Não ser submetido a tratamentos que se encontrem em fase experimental;

e) Autorizar ou recusar a participação em programas de investigação científica ou ensaios clínicos.

Torna-se particularmente importante compreender o que se entende por “cuidados paliativos”.

A Organização Mundial da Saúde define em 1990 e 2002 os cuidados paliativos “como sendo uma abordagem que aprimora a qualidade de vida, dos pacientes e famílias que enfrentam problemas associados com doenças, através da prevenção e alívio do sofrimento, por meio de identificação precoce, avaliação correta e tratamento da dor, e outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual, ... Seus princípios incluem: reafirmar a importância da vida, considerando a morte como um processo natural; estabelecer um cuidado que não acelere a chegada da morte, nem a prolongue com medidas despropor-

cionais (obstinação terapêutica); propiciar alívio da dor e de outros sintomas penosos; integrar os aspetos psicológicos e espirituais na estratégia do cuidado; oferecer um sistema de apoio à família para que ela possa enfrentar a doença do paciente e sobreviver ao período de luto”. (Hermes & Lamarca 2013).

A OMS detalha, aliás, nesta definição tanto o que entende como cuidados paliativos como o que entende por cuidados paliativos na criança.

Alguns países decidiram legalizar, a eutanásia e/ou o suicídio assistido; a Holanda após um estudo encomendado pelas autoridades a nível nacional sobre a eutanásia e outras decisões médicas respeitantes ao fim da vida, publicado em 1991 na revista *Lancet*, concluía que tais práticas eram frequentes e deveriam ser mais investigadas, ensinadas e objeto de debate público. As autoridades decidiram a legalização das mesmas, seguidas pela Bélgica e o Luxemburgo. A Suíça legalizou o “suicídio medicamente assistido”. Em consequência, observou-se nestes países um aumento destas práticas após a legalização.

Na Suíça, segundo o artigo de Andreia Sanches publicado on line no Público e datado de 23/08/2014, verifica-se que entre 2008 e 2012 mais de 600 pessoas foram a esse país para encontrar o “suicídio assistido” que uma organização local disponibiliza, falando-se mesmo de “turismo de suicídio”.

A maior parte dos candidatos sofriam de doenças incuráveis ou de sofrimento insuportável. A questão também se coloca muitas vezes para as pessoas em “vida vegetativa”. (Persistent vegetative state).

Quando um paciente pode receber cuidados paliativos de qualidade e eficiência suficiente para aliviarem totalmente o sofrimento, pode colocar-se a questão que decisão tomará ele quanto ao fim da sua vida: a eutanásia ou em alternativa a ortotanásia que implica todas as medidas para lhe permitir uma morte natural digna, sem sofrimento e mantendo, se possível, um contacto relacional com os seus entes significativos?

Se a noção de sofrimento insuportável é importante, convém não esquecer que certas patologias psiquiátricas de base biológica como as perturbações afetivas bipolares em fase depressiva, ou a perturbações depressivas recorrentes, são acompanhadas de um sofrimento moral insuportável e de uma procura de morte, por vezes, incluindo os seus próximos em “suicídio coletivo”, sendo portanto indispensável protegê-los deles mesmo, e de uma decisão que lhes parece tomada com toda a liberdade, mas da qual não compreendem o sentido e à qual não se identificam, uma vez ultrapassado essa fase após tratamento adequado.

A formação médica é enquadrado por normas éticas e deontológicas centradas no alívio do sofrimento, e na proteção da vida. O Juramento de Hipócrates tem sido ao longo dos séculos uma referência para todos

os médicos. A Ordem dos Médicos Portugueses publica na sua página oficial duas versões desse Juramento, a de 1771 e a de 1983.

Na primeira, num dos parágrafos, o médico compromete-se a: “Mesmo instado, não darei droga mortífera nem a aconselharei; também não darei pessário abortivo às mulheres.”

Na segunda, adotada pela Associação Médica Mundial, em 1983, e conhecida como Fórmula de Genebra, o médico jura que: “Guardarei respeito absoluto pela Vida Humana desde o seu início, mesmo sob ameaça e não farei uso dos meus conhecimentos Médicos contra as leis da Humanidade”.

Questiona-se, por vezes, qual o sentido de um juramento elaborado por um filósofo grego morto há quase 2400 anos, de ser ainda hoje a referência para a prática médica. Pode ter sido escrito por Hipócrates de Cós há 24 séculos, mas é no aqui e agora do momento em que me empenho nesse juramento que ele encontra toda a sua validade e o seu sentido. De certa maneira é rescrito por mim no agora e me comprometo para a vida.

«Eutanásia, suicídio assistido, é uma caixa de Pandora pode saber-se onde começa, mas não se sabe onde nos conduzirá... Por mim, comprometi-me com a vida e com a luta contra o sofrimento, a dor física, psíquica e moral».

Provavelmente que a Ordem dos Médicos e a legislação que vier a ser produzida a respeito da relação do médico à vida e à morte do seu cliente, não deixarão de garantir a quem o jurou, a liberdade de consciência para não ser perjuro, mesmo que considerado com radicalmente antiquado.

A eutanásia não é uma “nova questão fraturante”. Em Esparta era prática corrente para recém-nascidos malformados, ou mesmo gerontes inutilizáveis. A prática de eliminar quem não é produtivo atravessou séculos e culturas. Ainda no século passado ela foi largamente posta em prática, não só para o cultural ou religiosamente diferente. Na Europa dita civilizada, na África ou Ásia, os genocídios infelizmente abunda(ra)m, e na prática eugénica da cultura nazi, a eutanásia era o destino proposto para os doentes mentais, ou outras “bocas improdutivas”.

Referência Bibliográfica:

Hermes, H. & Lamarca, I. (2013). Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência saúde coletiva*, 18, 9: 2577-2588.



Presidente e líderes religiosos juntos

No dia da sua tomada de posse, a 9 de Março passado, o recém-empossado Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, anuiu ao convite da Mesquita de Lisboa e esteve presente, numa cerimónia Inter-Religiosa histórica, que congregou 18 confissões religiosas, entre elas a Igreja Lusitana, na pessoa do seu bispo D. Jorge Pina Cabral.

A cerimónia começou com um «em nome de Deus» proferido por Abdul Karim Vakil presidente da comunidade islâmica em Portugal. Após as saudações iniciais, foi elevada em oração por cada líder presente, uma porção da Oração Ecuménica Universal, pedindo a Deus que na Sua graça e bondade conceda a cada ser humano as virtudes da sabedoria para distinguir o bem e o mal e a compaixão para acabar com os conflitos.

No discurso proferido, o Presidente da República, assumiu-se como o garante da liberdade religiosa, e do respeito que cada confissão merece na sua visão própria do mundo e da vida seja no espaço privado ou público. Realçou ainda a importância do espírito ecuménico para a grandeza da sociedade portuguesa desejando que os próximos cinco anos sejam vividos em paz, justiça e fraternidade.

No final a cada religião e Igreja presente foi oferecida pelo Presidente da República, uma medalha da autoria de escultor José de Almeida Araújo, simbolizando a unidade da humanidade contra a discriminação racial, cultural e religiosa.

Comentando esta cerimónia, D. Jorge sublinhou o seu simbolismo de unidade e paz no atual contexto internacional e a sua importância para o reconhecimento do papel da religião na sociedade portuguesa.

O bispo da Igreja Lusitana espera ainda que o trabalho da Comissão da Lei da Liberdade Religiosa seja agora relançado no desenvolvimento e aplicação de uma efetiva liberdade religiosa nas diferentes áreas da sociedade portuguesa. A Igreja Lusitana tem estado ativa no diálogo e cooperação Inter-Religiosa através da sua presença nos trabalhos do Alto Comissariado para as Migrações e participando recentemente numa Vigília Inter-religiosa pela Paz.

O diálogo e a cooperação entre as diferentes religiões, assume-se cada vez mais, como um caminho a percorrer, na promoção dos valores da paz e do respeito pela diversidade inerente a cada tradição.



O óbvio e o verdadeiro

+ Fernando Soares, Bispo Emérito

Na cerimónia de jubilação do Professor Alexandre Quintanilha, na Universidade do Porto, os alunos que assistiam à sua última aula pronunciaram a seguinte frase: “Obrigado, Professor, por nos ter ensinado a distinguir o óbvio do verdadeiro”. Desta forma, os alunos procuraram explicar a diferença entre o domínio do óbvio, o que salta à vista, o fácil de descobrir, o afirmar ou atuar sem pensar – que o nosso tempo privilegia sob a influência dominadora da comunicação social e o excessivo apelo às emoções – e a atitude humilde e trabalhosa do pesquisador e do estudioso que aceita a dúvida e procura chegar à verdade para lá do conforto das aparências, permitindo abrir as portas a uma melhor compreensão da realidade. E isto, que tem a ver com a pesquisa científica, pode aplicar-se também, em termos metodológicos, ao modo como nos posicionamos perante as interpelações comportamentais do Evangelho.

Sou de uma geração que teve na leitura da Bíblia um dos pontos fulcrais do seu desenvolvimento humano e religioso. Naturalmente, nos tempos da minha juventude não conseguia alcançar mais do que a compreensão literal do texto me permitia, pelo que a minha “imagem” de Deus circunscrevia-se ao que constituía o contexto cultural em que tinha nascido, o modo de estar que assentava nos estereótipos religiosos daquele tempo, sem qualquer espírito crítico.

Porém, à medida que fui estudando e refletindo, em contexto de oração e da própria vida vivida, crescia no conhecimento das Escrituras e apercebia-me das diversas perspetivas que ali se plasmam. Enriquecia-me no meu relacionamento com Deus e lentamente comecei a discernir entre o simplismo enganador do óbvio e a busca aturada e consciente do que é verdadeiro na fé. Ora, na Quaresma passada fomos interpelados por três textos evangélicos que marcam indelevelmente a contraposição entre o óbvio e o verdadeiro no caminhar cristão. A parábola da figueira estéril (S. Luc 13,6-9) em que Jesus confronta o dono da vinha, desgostoso com a árvore que já por três anos não dava fruto, e o servo que apela à sua paciência por mais um ano, procurando com o seu cuidado acrescido reabilitar a figueira.

Perante a falta de resultados e a impaciência do dono da vinha, o óbvio era o derrube da árvore. Mas, na compreensão divina há sempre tempo e lugar para mais uma oportunidade, mesmo que seja mais custosa em termos económicos e mais desgastante em termos psicológicos. O Deus paciente está aí sempre que O fazemos manifesto na disponibilidade da atenção e escuta para os que nos procuram. Não sabemos se resulta, mas tentamos, conscientes de que o devemos fazer “por amor de Deus”.

O outro texto foi o da bem conhecida parábola do filho pródigo (S. Luc 15, 11-32). Uma cena familiar com três personagens de sentimentos humanos bem contraditórios: o Pai, compreensivo e acolhedor, um filho valdevinos, mas consciente e arrependido, e outro filho, cumpridor, mas revoltado. Começamos pelo último, o mais velho, como se tivesse encontrado um seu amigo

a quem confiava o seu lamento: então não queres saber que meu pai fez uma festa a meu irmão que voltou como um farrapo, depois de desbaratar a herança, mas a mim, que o tenho servido há anos e cumprido sempre as suas ordens, nunca me fez uma festa. Ao ouvi-lo quem não diria que a atitude do pai era uma injustiça, perante o mérito do seu comportamento irrepreensível. O óbvio à luz dos nossos critérios de apreciação. Porém, Jesus mostra-nos uma outra perspetiva da história, a do Reino de Deus – a da “imagem” do Pai atento, acolhedor e compreensivo em face do regresso contrito do filho.

Jesus aqui chama-nos a “olhar” para Deus como Aquele em quem pomos toda a nossa confiança porque sabemos (vamo-nos apercebendo) que Ele é o Deus do acolhimento, da compreensão, da misericórdia e perdão para quem “estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado”. Isto não é do domínio do óbvio, mas da verdade e da fé, como diz S. Paulo “Se estou em boas relações com Deus não é por ter cumprido a lei, mas pela fé, pois as boas relações com Deus assentam na fé.” (Fil 3,9).

No último texto (S. Jo 8, 1-11) temos Jesus, na altura em que ensinava no templo, a ser confrontado com o pedido de um veredito para uma mulher “surpreendida em adultério”. Os doutores da lei e os fariseus conheciam muito bem o óbvio para aqueles casos – condenação à morte – mas queriam a opinião de Jesus para “apanhá-lo em falso”. “E tu, que dizes?”. Jesus, antes de dizer algo sobre o assunto, interpela-os: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra”.

No final, perante a deserção dos acusadores que desistem de a condenar diz: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”. Jesus não condena a mulher e desmascara a hipocrisia dos “profissionais da religião”. Perante o óbvio do cumprimento da lei, sem mais, o verdadeiro foi a apresentação de uma outra imagem de Deus – certamente incompreensível para os doutores da lei e fariseus – que se afirma na compreensão da humanidade de cada um e das circunstâncias em que a vida se desenrola. Um Deus que não condena, antes, que acredita no humano e na sua redenção. Por isso, “vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei” (S. Mat 11,28).

A grande diferença entre o óbvio e o verdadeiro do nosso comportamento na fé está no modo como assumimos a ressurreição de Cristo na nossa vida e o conseqüente “novo olhar” com que vemos os outros e o mundo, procurando sempre renovar a nossa mente a fim de podermos discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito (Rom 12,2).

Páscoa abençoada.

Solidariedade na Cruz de Jesus Cristo

A mensagem da cruz vazia, e do túmulo vazio na manhã de Páscoa, é a de que Deus permanece conosco e para nós.

Jesus Cristo, o Deus da vida, experienciou a realidade da morte.

O Deus da justiça experienciou as consequências do pecado, injustiça e insensibilidade

A cruz lembra-nos que Deus conhece a feiúra e efeitos mortais do pecado humano na sua subtileza e extrema crueldade.

O significado da cruz é profundo e pertence aos mistérios da fé.

Pecado e injustiça não podem ser tolerados ou ignorados.

A cruz ensina-nos que o Deus Triuno continua a identificar-se com a criação e mostra-nos visões de uma criação renovada na qual a devastação do pecado já não existe.

É uma boa notícia para as vítimas do mundo mas também para os pecadores.

Nas palavras de João Batista :
«Eis aqui o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.»

Reverend Olav Fykse Tveit
Sec. Geral do Conselho Mundial de Igrejas